NOTAS E TRANSCRIÇÕES

O bispo cego de Goiás

FERNANDO CÂMARA(*)

Acredito que pouquíssimas pessoas têm conhecimento de que o Episcopado Brasileiro, durante o Governo Imperial, contou entre seus membros com um bispo dotado de grandes virtudes, notável saber e orador sacro dos mais famosos, mas inteiramente cego.

Foi um caso único na história eclesiástica do Brasil e talvez da própria Igreja, assegurava o saudoso Dom Sebastião Leme, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro.

Trata-se da pessoa de Dom Francisco Ferreira de Azevedo, natural de Salvador, Bahia, mas radicado em Cuiabá, Mato Grosso, desde os cinco anos de idade, para onde se transferiram, em 1770, seus pais, o capitão Francisco Ferreira de Azevedo e dona Joaquina Maria da Saúde, ambos católicos praticantes.

O sonho deste casal era ver o filho sacerdote e esta era também a vontade do jovem adolescente que, em 1780, ingressou no Seminário de São José, no Rio de Janeiro, onde veio a receber o presbiterato das mãos de Dom Joaquim Justiniano Castelo Branco, no dia 8 de maio de 1788, em solenidade realizada na Capela Episcopal do Palácio da Conceição.

Teve como primeiras funções os cargos de Mestre-de-Cerimônias junto ao Sólio Episcopal e Professor de Filosofia no Seminário, tornando-se um grande orador sacro em sua época, a ponto de ser conhecido como "Língua de Prata", pela eloqüência de sua pregação evangélica.

Quando a Família Real portuguesa chegou ao Brasil, fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte, que invadira Portugal, o Senado da Câmara do Rio de Janeiro o escolheu para a oração em

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

ação de graças, solenidade esta realizada no dia 7 de março de 1808. O seu pronunciamento teve a melhor repercussão possível e logo o Príncipe Regente, Dom João, designou-o Pregador Régio e Confessor da Família Real. Foi aí que a sua estrela começou a brilhar.

Em 17 de dezembro de 1811 é surpreendido com sua nomeação para Bispo de Meliapor, na Índia Ocidental, mas não chegou a tomar posse no cargo, talvez por interferência da Família Real, evitando, assim, sua saída do Brasil.

Anos mais tarde, em 18 de dezembro de 1818, é designado para a Prelazia de Goiás, instituída pelo Papa Bento XIV através da Bula *Candor Lucis Aeternae,* de 6 de dezembro de 1745, e ainda Sede Vacante desde a sua criação. Era o quinto prelado designado pela Santa Sé e o primeiro a tomar posse do cargo, pois dois recusaram a mitra goiana e os outros dois morreram na longa viagem de quatrocentas léguas a caminho da sede episcopal.

Em 1821, quando já se preparava para assumir a Prelazia de Goiás, é acometido de uma conjuntivite que tomou proporções imprevistas e que, apesar de todos os esforços, o deixou totalmente cego. Aceitou resignadamente a nova condição de vida, que o impedia de ler e escrever, suas principais obrigações.

As suas virtudes e seus grandes méritos falaram mais alto e ele não teve cancelada sua nomeação para a mitra goiana, embora contrariando o Direito Canônico que não permitia a ordenação episcopal de um cego.

Foi necessária uma licença especial de Roma, o que aconteceu através de um Breve Pontifício cujo despacho dizia *que o habilitava à sagração episcopal, isentando-a da irregularidade 'ex defectu visus' e tudo isto por terem sido em alta conta seus merecimentos e virtudes.*

Por sua vez, o poder temporal brasileiro, através do Aviso Imperial nº. 27, de 24 de janeiro de 1824, já havia determinado ao Prelado de Goiás que *em atenção à total falta de vista a que está reduzido, há por bem permitir-lhe que possa suprir sua assinatura com um carimbo no qual se leia: Francisco, Bispo de Castória, Prelado de Goiás.*

Mesmo sabendo de sua cegueira, o rei Dom João VI, já estando o Brasil livre da coroa portuguesa, ainda tentou a sua

remoção para a diocese de Beja, em Portugal, ao que Dom Francisco Ferreira de Azevedo gentilmente recusou para ficar em sua amada Pátria.

Seis meses durou a longa viagem, feita em lombo de animal, para chegar ao seu novo campo de atividades, o que aconteceu por volta do meio-dia de 21 de outubro de 1824.

Prestigiando a sua partida, do Campo de Santana, de onde saíam as expedições e tropas com animais de carga para as diversas Províncias do Brasil, ali se encontrava o Imperador Pedro I, que muito o estimava e admirava, e o acompanhou até fora da cidade.

Ao se despedirem, o Imperador perguntou-lhe: *Não temes morrer no caminho, como aconteceu com teus antecessores?.*

Dom Francisco simplesmente respondeu: *Vossa Majestade sabe que o Decálogo diz: Não matarás. E não sou eu o 5º. bispo?.*

Depois de fazer a entrada solene na velha Igreja de Santana, transformada em Catedral, foi delirantemente aplaudido pela imensa multidão de fiéis ao iniciar a sua homilia com estas palavras: *Bem-aventurados os que não viram e creram.*

Mesmo deficiente da visão, realizou um dinâmico episcopado em sua imensa Prelazia, promovida depois a Diocese, através da Bula Papal *Solicita Catholici Gregis*, do Pontífice Leão XII e datada de 15 de julho de 1826.

Para melhor administrá-la, dividiu-a em vigararias gerais, tendo confiado aos beneméritos capuchinhos a catequese dos índios, que constituíam grande parte de seu rebanho. Gozava de prestígio e respeito junto ao Episcopado brasileiro de sua época e seu nome era também conhecido em Roma por suas virtudes e saber.

Quando o Santo Padre Pio IX, antes de proclamar o Dogma da Imaculada Conceição, na fase preparatória, procurou ouvir os grandes nomes da Igreja, um dos convidados a se manifestar sobre o assunto foi justamente o eminente bispo de Goiás, Dom Francisco Ferreira de Azevedo.

Através destas linhas homenageio a figura deste grande Pastor da Igreja Católica, que faleceu ainda no desempenho do cargo, no dia 12 de agosto de 1854, em idade quase nonagenária, pois nascido em 1765, e cujo sesquicentenário de morte decorre no presente ano.